

Antônio Carlos:

Foi uma cena digna de uma página de Jorge Amado. No terreiro, os atabaques ressoavam convocando todos os orixás da Bahia para saudar o grande chefe que, todo de branco, lavou sua alma em público e quase cria uma crise institucional. O ex-governador Antônio Carlos Magalhães, o "Toninho Malvadeza", não poderia deixar passar em branco a visita do seu arquiinimigo político Paulo Maluf à sua terra querida, principalmente no seu aniversário. E reagiu como o último dos machões baiano.

um pavio curto à espera do incêndio

O ocaso do machão baiano

Depois de vinte anos de crista baixa, rabo entre as pernas e fundilho de fora, pronto a receber pontapés, a classe política teve, anteontem, um fugaz instante de desvairada vingança: o ex-governador Antônio Carlos Magalhães, em linguagem que lembra a sua origem lacerdista (embora ele tenha, em determinado momento, enfrentado Lacerda por causa de Juracy Magalhães), atacou rudemente o ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos. Não contente com a nota distribuída à imprensa, **Toninho Malvadeza**, como é chamado pelos seus inimigos (hoje mais da metade da Bahia) deitou e rolou bravatas pela televisão.

Embora comemorada pelos atabaques do candomblé baiano, a virulência de Antônio Carlos não moveu os principais líderes da oposição e desagrudou profundamente o candidato Tancredo Neves, a quem Magalhães, no íntimo, deve ser dedicado a sua bravata. Por outro lado, quem conhece a Bahia e Antônio Carlos Magalhães sabe que ele não poderia deixar por menos. Fosse em outro dia e em outro

local, e o discurso do brigadeiro Délio Jardim de Mattos teria passado sem nenhuma resposta ou, quando muito, teria suscitado de Magalhães uma das muitas respostas evasivas com que a classe política finge não entender os recados de militares.

Acontece que o discurso foi disparado no aeroporto de Salvador e no dia do aniversário de Antônio Carlos. Ele precisava desesperadamente de uma "deixa" para se sair bem da afronta que era o desembarque de Maluf, comboiado por Figueiredo, no aeroporto que ele, Antônio Carlos, ajudara a construir. A "pomba-gira" desse líder estava a mais de 200 quilômetros por hora. Era, enfim, a reputação do último grande macho da política baiana que estava em jogo. E Antônio Carlos, além de necessitado, adora esses gestos de coragem física na arena política.

O brigadeiro Délio Jardim de Mattos entrou na história porque era o **gancho** mais disponível, no momento. A verdade, contudo, é que Antônio Carlos precisava "explodir" e não en-

contrava oportunidade desde o dia da convenção do PDS em que Paulo Maluf infringiu-lhe contundente derrota. Naquela dia ficou claro que Antônio Carlos perdeu o comando do PDS baiano e que é um cacique em pleno processo de decomposição de sua liderança. Ao passar-se, com armas e bagagens, para a candidatura Tancredo Neves, ele experimenta, a cada dia que passa, as dores da hemorragia inexorável de seu prestígio. Os melhores analistas políticos entendem que ele não levará para Tancredo, no Colégio Eleitoral, mais do que 3 ou 4 votos, uma exibição de impotência política.

Sua reação ao discurso do brigadeiro Délio não deve ultrapassar o sentido do gesto de um homem magoado e encurralado na sua própria casa, no dia de seu aniversário, pela ofensa política que era a presença de Maluf, na Bahia.

Se não dissesse o que disse, provavelmente explodiria, literalmente, com o que os médicos chamam de insulto cerebral. Antônio Carlos apenas transferiu o insulto.

mesma tecla. E verdade que as palavras foram das mais duras. Mas isso são os ossos do ofício.

Tanto quanto se sabe, o presidenciável Paulo Maluf não faz brilhar a menina dos olhos do brigadeiro. Um fato antigo e outro que aconteceu ontem, no aeroporto da capital baiana, deixam transparecer isso. Era notório, embora não público, que a candidatura do vice Aureliano Chaves, quando ainda existia, tocava o coração de Délio. No dia em que o avião da Cruzeiro, este ano, foi desviado por três brasileiros para Cuba, o ministro, horas depois, deu uma entrevista em sua casa, avaliando a situação. Já com o papo sobre o sequestro encerrado, um repórter, ao se despedir jogou verde: "Ministro como é que estamos em termos de sucessão presidencial?" Por uns instantes o ministro ficou calado mas a sua esposa, que estava por perto, adiantou: "Aqui em casa nós somos Aureliano". Délio tratou de consertar, acrescentando que a Dona Rute até podia ser Aureliano, mas ele era o candidato que o Presidente apoiasse. Óbvio, não!!

As emissoras de televisão, registraram anteontem um fato interessante, passado num canto do aeroporto que acabava de ser inaugurado. Délio Jardim de Mattos conversava com um dos presentes frente à placa que horas antes fora descerrada pelo Presidente da República e o governador da Bahia, João Durval. De rabo de olho, ele notou que Maluf se aproximava dos dois. Délio se despediu da pessoa com quem conversava e ficou de costas lendo a placa. Maluf passou, deu um tapinha nas costas do ministro e ele continuou lendo a placa. Não ouve da sua parte nem um "oi". Maluf saiu com uma cara de defunto sem caixão. O ex-governador da Bahia não notou nada disso, estava atarefado com os preparativos da festa de seu aniversário. Acabou dando uma de "Washington", aquele personagem do Chico Anísio. Pelo menos o Washington é engraçado.

O PMDB precisa dos votos da Frente Liberal para levar Tancredo à presidência. Neste momento da história política brasileira importa muito pouco de onde venham esses votos. O senhor Paulo Maluf faz um exorcismo danado contra os votos da esquerda e especificamente dos

comunistas por dois motivos: primeiro porque precisa ser coerente com o seu discurso meio fascizante que tem imprimido à campanha e, porque sabe, de fonte limpa, que esses são votos incontestáveis. Ainda que a bolsa da dona Maria viesse a entrar em ação. Mas o acordo entre a Frente e PMDB deveria ter um ponto específico, ordenando aos "passageiros de última hora", como Antônio Carlos Magalhães, que ouçam mais e falem menos. Assim, eles servem muito mais à candidatura, que, em princípio, escolheram realmente apoiar.

O discurso do brigadeiro anteontem em Salvador teve ainda outro detalhe. Embora no original distribuído à imprensa apareça a palavra "incendiária" classificando as esquerdas, o ministro ao ler o discurso saltou essa palavra. Disse apenas esquerdas. De qualquer forma, a resposta do senador Fernando Henrique Cardoso (PTB-SP), sem as bravatas do ex-governador Antônio Carlos Magalhães, foi a mais objetiva possível. Ele lembrou ao brigadeiro que classificar o que existe hoje no Brasil em termos de esquerdas como incendiárias é soprar nas cinzas. Hoje, esquerda, direita, centro-esquerda, centro-direita, liberal e conservador, e até que se promova uma reforma na Constituição que permita a estruturação da sociedade em correntes ideológicas, significa muito pouco. A Aliança Democrática está aí, comprovando isso. Nunca foi tão verdadeiro o ditado de que a política em certos momentos faz estranhos parceiros de cama. E por que não?!

Na realidade dos dois, o brigadeiro Délio Jardim de Mattos e o ex-governador Antônio Carlos Magalhães, sopraram nas cinzas. Cada um à sua maneira. O Brasil inteiro espera que no meio das cinzas não exista nenhuma brasa que possa vir a pegar fogo. E só parar de soprar. O dia de 7 de setembro é amanhã e com toda a certeza, as Ordens do Dia estão sendo rascunhadas. Seria oportuno lembrar às pessoas como Antônio Carlos Magalhães, que têm o pavio curto, que Tancredo Neves está precisando mais de quem ajude que atrapalhe. E mais: os grandes incêndios começam sempre com uma faísca.

Rui Nogueira
Especial para o JBr

Produto típico da Bahia

Fui assessor na Secretaria de Planejamento da Bahia, à época em que Antônio Carlos Magalhães era governador do estado, pela primeira vez. Pude de perto sentir a força da sua liderança, a vontade férrea de tornar-se, definitivamente, o maior líder que a Bahia poderia ter. Nunca, em tempo algum, a Bahia sentiu um líder com a força carismática deste homem. Ele é temperamental, corajoso como poucos, sabe brigar e não leva desaforos para casa. Não há, na Bahia, quem não o respeite como adversário que sabe lutar e sempre ganha.

Filho de uma tradicional família, baiana, médico, o vi surgir como prefeito de Salvador, derrubando cercas, invasões, abrindo novas

avenidas e tornando a cidade moderna e eficiente. Um político com visão religiosa, ligado às tradições do candomblé, frequenta os terreiros de Menininha do Gantois e outros como verdadeiro crente e não como oportunista, como alguns podem pensar. Dos políticos baianos, ele me parece ser o representante legítimo das tradições desde sua culinária à religiosidade. Tem todas as virtudes e defeitos do homem baiano, um tipo essencialmente diferente da gente brasileira.

Não é rancoroso como se comenta. Segundo alguns amigos pessoais, tal como o deputado Antônio Osório Batista, que foi seu Secretário de Planejamento, é um homem profundamente amoroso, que

sabe preservar a amizade. Não admite, no entanto, traição. A fama de perseguidor que o acompanha deve-se ao fato de ser leal às suas relações. Tem amigos em todas as áreas. Desde Jorge Amado às figuras folclóricas da cidade. Dizem que ele, hoje, é um homem rico, mas ninguém diz que é corrupto. Soube administrar sua vida, de maneira que tem várias empresas, um jornal e interesses comerciais no Estado. Por ter administrado com lisura os interesses do Estado, anda à pé pelas ruas de Salvador, sem medo do povo ou de ser vaiado.

Pela sua acuidade mental, político no sentido mais apropriado, prestimoso e carismático, desmontou toda a estrutura tradicional da política baiana, afastando definitivamente os políticos representativos das famílias tradicionais do Estado, tais como Luís Viana Filho, Juracy Magalhães, os Simões, Lomanto Júnior, e outros, que hoje são praticamente coisa do passado para a realidade política baiana.

A personalidade de ACM é algo tão forte que, na verdade, ele é o homem que governa de fato, a Bahia. Dizem alguns amigos bem chegados a ele que não há outro nome que possa combatê-lo na próxima eleição ao governo da Bahia, pelas diretas.



Com o ministro Mário Andreazza, seu antigo aliado

Wanderley Pinto Lopes

A "provocação" de um veterano

Momentaneamente a coisa ficou meio preta. Foi como se o Maracanã estivesse cheio e com o público assistindo a um Fla-Flu. De repente, milhares de torcedores, em vez de prestarem atenção no jogo, começaram a aplaudir a pancadaria surgida num canto das arquibancadas. O meio de campo da sucessão presidencial já vinha prometendo embolar. Ontem embolou mesmo, aparentemente, não de vez. Entraram em cena uns abelhudos. E como todo o abelhudo que se preza, fala quando não deve falar. Por incrível que isto possa parecer, mesmo depois daquela Ordem do Dia do ministro do Exército, Walter Pires e do discurso do ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos, os militares são os menos culpados por essa situação, ainda que tenham sido o pivô da questão.

Abelhudo mesmo foi o ex-governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães.

A resposta do ex-governador da Bahia às palavras do ministro da Aeronáutica fez lembrar aqueles discursos dos calouros no movimento estudantil. Discursos inflamados, românticos e que são tidos, quase sempre, pelos estudantes veteranos, como discursos provocadores. Invariavelmente servem mais ao inimigo, dando pretextos, do que à causa pela qual se luta. A resposta do ex-governador não serviu, nem um pouco, à candidatura do ex-

governador Tancredo Neves.

A atitude dos estudantes calouros, como a atitude do ex-governador baiano, se explica pelos mesmos motivos: "Querem aparecer". Nos estudantes é até admissível, mas em se tratando de Antônio Carlos Magalhães, a coisa cheira a provocação. Antônio Carlos Magalhães tinha anteontem, pelo menos, a obrigação de consultar os demais companheiros que apoiam a candidatura Tancredo, para então se posicionar sobre o discurso do ministro. Afinal, ele não é o único dissidente do PDS, embora o discurso do ministro tenha sido feito no seu quintal. E ele sabe, ou pelo menos deveria saber, que em política existem armadilhas.

O discurso do brigadeiro e ministro foi apenas óbvio para quem conhece, um pouco do espírito de unidade da corporação. Por mais hipócrita que possa parecer a valiação do senador Marco Maciel, dizendo que a carapuça não lhe servia, é a que está mais perto da realidade. Em termos de estratégia política, nota 10 para o senador.

A resposta do ministro da Aeronáutica, em conversa depois com os jornalistas, de que as palavras do seu discurso serviam em quem coubesse a carapuça, não passa de uma velha e surrada resposta, que ele é useiro e vezeiro em dar, sempre que faz um discurso barroco, tão a seu gosto. O que vale mesmo é o fato de ter dito que o discurso servia apenas para mostrar a coesão das Forças Armadas. E se o discurso do ministro do Exército, há dias, foi sobre os dissidentes, Délio ainda que a contragosto, teria, por tradição militar, que bater na